



O Discurso do Correio Braziliense na Cobertura das Eleições de 2010 ao Governo do Distrito Federal¹

Camila Santos COSTA²

David RENAULT³

Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

A cobertura de um jornal em ano eleitoral é rica para análise, já que há um grande empenho para transformar a eleição em um assunto noticiável. No Correio Braziliense, principal jornal de Brasília, a cobertura das eleições ao Governo do Distrito Federal (GDF) apareceu quase diariamente na capa, além de ter espaço garantido nas primeiras páginas do caderno Cidades. Após um levantamento das matérias referentes à cobertura do assunto no mês de setembro, antecedente ao primeiro turno das eleições, e o mês de outubro, anterior ao segundo turno, o artigo procura identificar informações que não estão ditas claramente no texto, mas que podem traduzir o posicionamento do jornal, se apoiou ou não algum candidato, e o que se pretendeu informar aos eleitores.

PALAVRAS-CHAVE: GDF; Correio Braziliense; Ficha Limpa; Agnelo Queiroz; Joaquim Roriz.

TEXTO DO TRABALHO

O cenário político do Distrito Federal em 2010 sofreu influencia de crises como a Bezerra de Ouro, a Operação Caixa de Pandora e as incertezas a respeito da aplicação da Lei da Ficha Limpa nas eleições. Segundo o Correio Braziliense⁴, um dos capítulos que compuseram essa história começou em 14 de julho de 2007 quando teve início a Operação Aquarela, que culminou na prisão de 19 pessoas, entre as quais, o ex-presidente do Banco de Brasília (BRB), Tarcísio Franklin de Moura, por lavagem de dinheiro e desvio de recursos públicos. Ele era um dos mais importantes colaboradores de Joaquim Roriz, à época senador pelo PMDB. O Núcleo de Combate às Organizações Criminosas (NCOC) do Ministério Público do DF e a Polícia Civil interceptaram conversas entre os dois em que negociavam a partilha de cheque de R\$ 2,2 milhões do

¹ Trabalho apresentado no IJ 01 – Jornalismo do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 8 a 10 de junho de 2011.

² Graduada em jornalismo pela Universidade de Brasília (UnB), DF, em janeiro de 2011, email: camilasantos.costa@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UnB, email: renault.david@gmail.com

⁴ Correio Braziliense, 31/10/10, Cidades, p.31.



empresário Nenê Constantino. O fato gerou uma representação do PSol por quebra de decoro parlamentar à Mesa Diretora do Senado Federal⁵. Roriz renunciou ao mandato logo após a Mesa Diretora decidir pela abertura de processo contra ele no Conselho de Ética. O ex-senador alegou ter pedido o dinheiro emprestado para quitar a compra de uma bezerra⁶. A estratégia impediu o prosseguimento da ação que poderia resultar na cassação dos direitos políticos do ex-governador. Por conta disso, ao tentar se eleger governador do DF, Roriz foi enquadrado na alínea K, da Lei da Ficha Limpa, que trata da hipótese de inelegibilidade pela renúncia.

Em 16 de setembro de 2009, Roriz anunciou que sairia do PMDB por não receber o apoio dentro da legenda para disputar novamente o Governo do DF (GDF). No mesmo dia, o então secretário de Relações Institucionais do DF, Durval Barbosa, registrava em depoimento oficial ao Ministério Público, as denúncias da Operação Caixa de Pandora. Para receber o benefício da delação premiada, Durval gravou políticos de Brasília recebendo malas de dinheiro, em um suposto esquema de pagamento de propinas do Executivo local para o Legislativo. O escândalo tirou da disputa dois potenciais concorrentes ao Palácio do Buriti: José Roberto Arruda – governador à época das denúncias - e o seu vice, Paulo Octávio. Roriz então se filiou ao PSC e conseguiu se lançar candidato. Seguindo a aliança nacional, o PT e o PMDB se uniram também na capital federal⁷, com Agnelo Queiroz como candidato a governador e Tadeu Filippelli como seu vice. Apesar de serem sete os candidatos ao GDF, Agnelo e Roriz concentraram desde o primeiro turno a maior parte das intenções de voto.

Embate judicial

A grande questão que marcou o primeiro turno das eleições foi se a lei da Ficha Limpa seria aplicada nas eleições de 2010, já que o projeto popular - fruto de 1,6 milhão de assinaturas - foi sancionado em 4 de junho de 2010. A questão recebeu uma resposta apenas no dia 28 de setembro, poucos dias antes do primeiro turno. Em 9 de julho o Ministério Público Eleitoral ajuizou uma ação contra o pedido de registro de candidatura de Roriz. O ex-governador foi enquadrado na Lei da Ficha Limpa, que prevê a inelegibilidade de políticos que renunciaram ao mandato para fugir de cassação. O Tribunal Regional Eleitoral (TRE) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) entenderam

⁵ Siglas partidárias: Partido Socialismo e Liberdade (PSol) e Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

⁶ Por esse motivo, o escândalo ficou conhecido como “Bezerra de Ouro”.

⁷ Siglas partidárias: Partido Social Cristão (PSC) e Partido dos Trabalhadores (PT).



que a candidatura de Roriz deveria ser indeferida. A defesa do ex-governador apelou para a última instância, o Supremo Tribunal Federal (STF), para decidir sobre o caso.

Em 23 de outubro, os ministros do STF não conseguiram chegar a uma decisão: cinco acreditaram que a lei deveria ser aplicada já em 2010 e cinco consideraram que deveria ser usada apenas no próximo pleito. Após horas de discussão, os magistrados não chegaram a consenso sobre como desempatar e adiaram a votação. No dia seguinte, Roriz anunciou sua saída da disputa pelo Palácio do Buriti – a oito dias das votações – e colocou a esposa, Weslian Roriz, também filiada ao PSC, em seu lugar.

O mês de setembro

Durante o mês de setembro, o trabalho analisou 152 matérias, entre os dias 1º e 31, que trataram das eleições ao Governo do Distrito Federal. O principal assunto desse período foi a questão da aplicabilidade da Lei da Ficha Limpa, o que correspondeu a 29,6% das notícias. Desse total, a Ficha Limpa apareceu 13 vezes na capa do Correio Braziliense e por cinco vezes foi a principal manchete do jornal, durante todo o mês. Destacam-se também na análise, dois momentos em que a “Visão do Correio” expõe a opinião institucional na capa e mais adiante no caderno Opinião, onde são colocados os editoriais do jornal. Em um desses momentos para tratar da questão da Ficha Limpa e no outro criticando a mudança da candidatura de Joaquim Roriz para a sua esposa.

Cabe ressaltar que o editorial é o gênero jornalístico que expressa a opinião da empresa diante dos fatos de maior repercussão. De acordo com José Marques de Melo, “Os editoriais difundidos pelas empresas jornalísticas, embora se dirijam formalmente à ‘opinião pública’, na verdade encerram uma relação de diálogo com o Estado”. Para o autor, essa seria uma forma de dizer aos dirigentes como gostariam de orientar os assuntos públicos, sendo mais um trabalho de coação para a defesa dos interesses empresariais e financeiros que representam.⁸

Além disso, podemos lembrar que apesar de serem sete o número de concorrentes ao GDF, o jornal adotou uma estratégia noticiosa conservadora, reforçando as possibilidades dos candidatos que detinham maior poder econômico e político em busca de leitores. Nesse caso, a maior parte das matérias se concentrou em Roriz e Agnelo Queiroz. O espaço destinado aos dois adversários foi praticamente o mesmo, tanto em relação a quantidade e tamanho das matérias, quanto em relação ao uso das

⁸ MELO, José Marques de, 2003, op. cit., p. 103.



fotografias dos dois. Diariamente o Correio Braziliense dedicou matérias sobre as campanhas e os eventos que participaram os adversários. Nesse sentido, não houve prejuízo ou benefícios para nenhum dos dois. Os outros dois concorrentes que aparecem de forma secundária (igualmente secundária) foram Toninho do Psol e Eduardo Brandão, do Partido Verde (PV).

Ficha Limpa

O Correio Braziliense se empenhou em transformar a questão da aplicabilidade da lei em assunto noticiável, procurando se adiantar a votação dos ministros, estimar o dia em o recurso de Roriz seria votado, os critérios de desempate em caso de uma não definição. Nesse sentido, podemos lembrar os valores-notícia identificados por Traquina⁹, itens necessários para que um acontecimento seja noticiado no jornal. Como notoriedade – o recurso de Roriz seria usado para debater a norma no STF, que ainda não havia dado uma definição -, proximidade – se trata de um político local que tentava se eleger governador do DF pela quinta vez. Relevância – a aceitação ou não da candidatura de Roriz iria gerar mudanças no cenário político do DF, além da condição de Roriz poder criar jurisprudência na análise dos outros casos semelhantes no STF. Ademais, podemos incluir novidade – a aplicabilidade da nova lei teria uma definição -, infração – já que o candidato estava sub judice (teve a candidatura impugnada, mas recorreu) por conta de envolvimento em um escândalo político.

Vemos a partir da profusão de matérias sobre o tema, uma preocupação sobre como ficaria o GDF, caso Roriz vencesse no primeiro turno e o STF julgasse, depois da apuração dos votos, que a regra deveria ser aplicada este ano, o que implicaria em novas eleições. Por conta disso, no dia 2 de setembro, o jornal chamou na capa a “Visão do Correio”:

Agora a defesa do candidato questiona a constitucionalidade da lei no Supremo Tribunal Federal (STF). Enquanto isso, a campanha segue ritmo normal. Mas o tempo avança e o brasiliense se aflige com a incerteza. Na eventualidade de Roriz ser eleito e só depois o STF confirmar que estava inelegível, o Distrito Federal poderá mergulhar em nova crise. Urge, pois, assegurar que aquele que vier a ser ungido pelas urnas esteja apto a assumir e a cumprir os quatro anos de mandato.

⁹ TRAQUINA, Nelson, 2005, op. cit., p. 77.



A decisão não pode ser protelada. Impõe-se, pois, que o STF julgue o recurso antes das eleições. A capital da República demonstrou maturidade ao atravessar uma crise sem precedentes. Soube preservar a autonomia duramente alcançada depois de quase três décadas de existência. Conquistou um dos melhores padrões de vida do país. Espera, com razão, continuar a marcha iniciada há 50 anos—sem sobressaltos ou incertezas. É direito legítimo.¹⁰

A instabilidade jurídica em torno do nome de Roriz é motivo de preocupação do jornal, que pede uma definição rápida do STF, para quem, aparentemente, o editorial se dirige. No primeiro trecho citado, o jornal diz que essa incerteza pode levar a capital a mergulhar em nova crise fazendo referência ao escândalo de corrupção deflagrado pela Operação Caixa de Pandora, em novembro de 2009. Do último parágrafo, citado acima, podemos inferir nova alusão ao escândalo que levou a cassação do governador à época José Roberto Arruda. Ao final, o editorial pede para que não haja sobressaltos ou incertezas no caminho da capital federal, que no caso, aconteceria se Roriz vencesse no primeiro turno e apenas depois o STF julgasse válida a aplicação da Ficha Limpa.

Nos dias 18, 22 e 26 de setembro as matérias trataram da ligação entre Roriz e Durval Barbosa, delator do esquema de corrupção. A primeira¹¹ falou das gravações feitas por Barbosa, em que o governador cassado José Roberto Arruda citou o nome de Roriz. O teor da conversa não ficou claro, mas de acordo com a matéria é uma evidência de que Roriz poderia estar envolvido. Já a segunda reportagem¹², traçou um panorama sobre os problemas enfrentados por Roriz, que responderia a vários processos na justiça. Citou ainda o fato de Durval Barbosa ter trabalhado com Roriz antes de fazer parte do governo Arruda e que o ex-governador admitiu que o esquema de corrupção delatado por Barbosa poderia ter começado em seu governo. Em um subtítulo intitulado “Lotes”, a matéria informou que Roriz é apontado pelos adversários como o responsável pelo inchaço da cidade e que dessa forma conquistou eleitores cativos. Na terceira reportagem, na coluna dominical “Eixo Capital”, intitulada “Durval delata Roriz”¹³, a matéria disse que Durval confirmou depoimento de José Roberto Arruda de que o governo pagaria propina aos promotores Deborah Guerner e Leonardo Bandarra para atrasar investigações do Ministério Público do Distrito Federal sobre Roriz.

¹⁰ Correio Braziliense, 02/09/10, p. 24.

¹¹ Correio Braziliense, 18/09/10, p.38.

¹² Correio Braziliense, 22/09/10, p.24.

¹³ Correio Braziliense, 26/09/10, p.30.



Além disso, cabe ressaltar a entrevista com José Roberto Arruda intitulada “A eleição da mulher do Roriz é a eleição do Durval”, na qual o ex-governador apareceu após quase um ano do escândalo político que o derrubou do poder e afirmou que uma eventual vitória do clã Roriz nas urnas significaria que o crime compensa. Para ele, Roriz simbolizava a vitória do coronelismo e das piores práticas políticas do país. Arruda considerou ainda Agnelo Queiroz um candidato longe do ideal. “Mas a eleição é plebiscitária. Depois de toda a tristeza que se abateu sobre a cidade, e eu sou em grande parte responsável por isso, tenho a obrigação moral de dizer: eu voto contra Roriz”¹⁴. Ainda que o seu nome esteja envolvido no escândalo de corrupção, sendo inclusive preso¹⁵ para não atrapalhar as investigações da polícia, o jornal pareceu dar importância ao posicionamento de Arruda, já que a matéria foi a principal manchete do dia. Vale lembrar ainda que o jornal já foi acusado de ser apoiador do governador cassado.

Mudança de candidatura

O candidato Roriz, apesar de ter suas propostas divulgadas no jornal e um acompanhamento do seu dia-a-dia, também teve o nome associado à ficha-suja – colocada em algumas matérias como sendo uma “pecha” de Roriz - e aos escândalos que giram em torno do seu nome. Contudo, a principal crítica feita pelo Correio Braziliense ocorreu quando o ex-governador desistiu da sua candidatura e colocou a esposa em seu lugar. Na ocasião, a cinco dias do primeiro turno, a “Visão do Correio” também foi chamada na capa:

A reação de Roriz ao posicionamento da Suprema Corte foi ao extremo: renunciou à candidatura. Renúncia é ato unilateral que deve ser respeitado. Mas, no caso, não merece qualquer tipo de acatamento, pois não passa de trama para criar outra forma de escalar o poder. É o que fica evidente com a indicação da mulher, Weslian Roriz, para sucedê-lo na corrida ao Palácio do Buriti. Trata-se de astúcia que desborda de todos os princípios da lisura política e fraudas a consciência eleitoral dos que pretendiam sufragá-lo nas urnas de 3 de outubro.

¹⁴ Correio Braziliense, 28/09/10, p. 30-31.

¹⁵ No dia 11 de fevereiro de 2010, Arruda se entregou à Polícia Federal, após ter a prisão e o afastamento decretados pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ). Por 12 votos a dois, a Corte Especial do STJ acatou o voto do ministro relator Fernando Gonçalves. O magistrado alegou que a prisão teria como objetivo impedir a destruição de provas e a cooptação de testemunhas do inquérito desencadeado pela Operação Caixa de Pandora.



O nome da renúncia de Roriz é golpe. Golpe, explique-se, contra a moderação moral exigível dos políticos e a previsão dos eleitores, que vinculam a opção eleitoral às candidaturas. Golpe contra o modelo democrático de conquista dos cargos eletivos. O ex-governador raciocina na base de que, ausente do torneio eleitoral, basta outorgar procuração para que a esposa o represente. Se eleita, será ele mesmo quem governará¹⁶.

Os parágrafos destacados deixaram clara a posição editorial de considerar a mudança de candidatura um golpe e uma forma encontrada pelo ex-governador de perpetuar no poder, a despeito da legislação eleitoral. Mais adiante, o editorial diz que Weslian nunca concorreu a nenhum cargo eletivo e não estaria preparada para governar a capital federal, que precisaria de “gestores conscientes dos problemas da população e comprometidos com a moralidade pública”. O texto ainda classificou a lei da Ficha Limpa como inovação legislativa. Além do golpe da mudança, o Correio Braziliense afirmou que Roriz aplicou outro golpe, já que a mudança de candidatura a uma semana da votação, não daria tempo para mudanças efetivas entre os candidatos, e portanto, o nome de Roriz, número e retrato teriam que permanecer nas urnas eletrônicas quando os eleitores votassem em sua esposa, no primeiro turno. Por conta do episódio, até o último dia de campanha de Weslian, o jornal sempre associou sua imagem a de Roriz, dizendo que ela o representaria nas eleições. O fato é que mesmo no segundo turno, os eleitores que votaram em Weslian viram o rosto do marido da candidata nas urnas eletrônicas já que os tribunais eleitorais consideraram que a mudança na foto poderia comprometer a segurança das eleições.

Com a estratégia adotada por Roriz, a matéria “Sujos com efeito cascata” disse que alguns políticos no Brasil em situação semelhante à de Roriz renunciaram a candidatura para parentes. “O ex-governador Joaquim Roriz, do PSC, faz escola. Desde que ele renunciou à candidatura e indicou para a disputa a sua mulher, dona Weslian, provocou um efeito cascata”. A matéria informou que em vários estados, candidatos barrados pela Lei da Ficha Limpa cogitaram abrir mão da disputa eleitoral para alguém da sua confiança. O jornal citou três candidatos ao Senado que tiveram a mesma atitude de Roriz: do Pará, Jader Barbalho (PMDB) e Paulo Rocha (PT); e, na Paraíba, Cássio

¹⁶ Correio Braziliense, 25/09/10, p. 28.



Cunha Lima (PSDB). “A ideia é trocar para, no caso de vitória, afastar de uma vez por todas o risco de acabar perdendo o mandato lá na frente”.¹⁷

Contudo, as críticas em torno da mudança de candidatura não partiram apenas do jornal, sendo que no dia 28 de setembro o Ministério Público Eleitoral posicionou-se contrário à candidatura de Weslian Roriz ao GDF e pediu interdição da chapa. De acordo com o Correio Braziliense¹⁸, no entendimento do procurador regional Renato Brill, a manobra de Joaquim Roriz de colocar a mulher como substituta não teve validade porque ocorreu fora dos prazos estabelecidos por lei. Os procuradores que assinaram o parecer falaram em fraude eleitoral, substituição de fachada e escárnio à legitimidade das eleições. Apesar disso, a decisão ficou a cargo do Tribunal Regional Eleitoral que se pronunciou favorável a candidatura de Weslian no dia 29 de outubro.

Um dia antes dessa decisão, a esposa de Roriz participou de seu primeiro debate com os candidatos ao GDF. Além de Agnelo Queiroz, participaram do confronto Eduardo Brandão (PV) e Toninho do PSol. Na sua estreia “a candidata enfrentou dificuldades para seguir a dinâmica do programa, desperdiçou tempo, fez perguntas na hora errada e deixou questões sem resposta”. No segundo bloco as confusões da ex-primeira-dama foram maiores, falando frases do tipo “eu quero defender toda essa corrupção”. Do lado de fora, petistas e rorizistas se enfrentaram¹⁹. No dia seguinte, o jornal colocou a matéria “Agnelo vence debate em que Weslian foi a atração principal”. Ele foi considerado vencedor pelos internautas do site do Correio Braziliense.

Campanha petista

Agnelo Queiroz, por sua vez, teve uma boa campanha em termos de agenda positiva. Esteve durante o período analisado em vantagem em relação aos outros candidatos nas intenções de votos, o que significou espaço no jornal. No segundo dia do mês de setembro, o Correio Braziliense divulgou pesquisa realizada pelo instituto CB Data, que apontou, com a margem de erro, um empate entre os dois principais candidatos, mas uma vitória do petista no segundo turno. O resultado dessa apuração foi a principal manchete do dia, com o título “Agnelo lidera corrida ao Buriti”²⁰. A pesquisa mostrou ainda que Roriz foi mais reconhecido pelos eleitores que o oponente, mas o seu grau de rejeição também seria mais elevado, 38%.

¹⁷ Correio Braziliense, 27/09/2010, p. 3.

¹⁸ Correio Braziliense, 29/09/2010, p. 25.

¹⁹ Correio Braziliense, 29/09/2010, p. 27.

²⁰ Correio Braziliense, 02/09/2010, p. 31.



No dia 4 de setembro o jornal mostrou nova pesquisa, dizendo que na hora de votar em governador, 30% dos brasilienses levariam em conta a indicação feita por lideranças políticas nacionais. Durante todo o período estudado pelo trabalho, Agnelo foi mostrado recebendo o apoio do presidente Lula, o principal garoto-propaganda dessas eleições, tendo inclusive feito carreatas em sua companhia e da então candidata a presidência Dilma Rousseff. Já Roriz e José Serra nunca mostraram apoio um ao outro em público, nem pediram votos entre si, apesar de terem composto a mesma chapa, fato também noticiado em alguns momentos. Apenas quando Weslian saiu candidata, houve um único evento com Serra. Outro encontro agendado seria feito com o vice do tucano, Índio da Costa, mas este acabou não comparecendo ao encontro público. A pesquisa ainda disse que mais da metade da população do DF desejaria um governo que rompesse com o atual modelo de gestão, ou seja, que não tivesse participado dos escândalos de corrupção. O coordenador da pesquisa, Adriano Cerqueira, apareceu na matéria falando que por isso, os candidatos da oposição levariam vantagem. “Quem tem conseguido de encaixar melhor no perfil buscado é o Agnelo Queiroz”.²¹

Chama a atenção também matéria em que um vidente apostou em Agnelo Queiroz como ganhador da eleição no segundo turno. “O julgamento das urnas vai mostrar a pouca diferença de um para o outro. Roriz é homem carismático, populista, tudo o que o adversário não é. Agnelo pode ter prestígio, conhecimento, dinheiro, máquina, mas ele não tem o que o povo chama de axé”. Apesar dessa afirmação do vidente, a matéria o questionou, perguntando se o povo teria aprendido com os escândalos, havendo mais senso crítico na participação popular. O entrevistado respondeu que o povo iria escolher com mais rigor os seus representantes e exigiria dos eleitos uma reforma política. Para ele, a tendência do povo seria melhorar e mostrar o crescimento²². A pergunta é tendenciosa, já que Roriz é mostrado pelo Correio Braziliense como um candidato envolvido em escândalos, enquanto Agnelo rebateu apenas as acusações feitas pelos adversários e não pelo jornal.

O mês de outubro

No mês de outubro, o trabalho analisou 139 matérias referentes à eleição ao GDF, compreendidas entre os dias 11 a 30, além do dia 1º de novembro, que precedeu o pleito. A primeira semana do mês foi descartada da pesquisa pelo fato de as campanhas

²¹ Correio Braziliense, 04/09/2010, p. 33.

²² Correio Braziliense, 04/09/2010, p. 36.



não terem efetivamente iniciado. No mês de outubro, percebemos uma mudança de postura do jornal, noticiando todos os dias matérias referentes à eleição, mas dando menos destaque na capa como no primeiro turno. Nesse período, que corresponde ao segundo turno, disputado entre os candidatos Agnelo Queiroz e Weslian Roriz, apenas 10,8% das chamadas na capa do jornal tratou das eleições ao GDF.

Em relação às matérias, podemos destacar as denúncias feitas entre os dois concorrentes ao Palácio do Buriti, os debates solitários de Agnelo Queiroz, ante a falta de Weslian Roriz a maior parte deles, e as promessas de impacto eleitoral, em especial da candidata Roriz. Em relação ao acompanhamento do dia-a-dia dos candidatos, os espaços destinados a eles no jornal e as fotos, mantiveram o mesmo caráter do primeiro turno com igualdade no tratamento a ambos.

No dia 13 de outubro, o jornal chamou na capa “O sermão da Ficha Limpa”, pois na homilia da missa de Nossa Senhora Aparecida, na Esplanada dos Ministérios, o arcebispo de Brasília, Dom João Braz de Aviz, falou sobre o processo eleitoral. O religioso elogiou a lei que barrou da disputa políticos com problemas na vida pregressa e criticou, ainda, candidatos que só teriam se posicionado contra o aborto por temer a perda de votos. De acordo com matéria, esses pontos atingem os dois candidatos ao GDF, que estavam presentes na celebração²³. A primeira questão se referia a Joaquim Roriz representado pela esposa e o segundo a Agnelo Queiroz, que a exemplo da discussão, inclusive entre os candidatos à presidência, passou a defender a vida em suas campanhas, admitindo uma posição contrária ao aborto.

Contudo, a matéria intitulada “Campanha Fundamentalista”²⁴, lembrou que apesar dos governantes ao GDF não poderem decidir nada em relação ao casamento gay, aborto, assuntos religiosos entraram cada vez mais nas campanhas. De acordo com a reportagem, a pauta foi inserida pela primeira vez pela candidata Weslian Roriz, em seu primeiro debate. O cientista político ouvido na reportagem disse que os políticos entram nessa discussão porque é mais fácil alienar a base para conquistar os votos. A matéria ainda citou um padre e um pastor afirmando que cristão não precisa votar em cristão. O pastor disse que o voto iria além da convicção religiosa. “Temos de olhar a vida pregressa e as propostas de cada candidato para ver quem é o melhor. Ter de escolher uma pessoa só porque professa a mesma fé é um voto de cabresto”.

²³ Correio Braziliense, 13/10/10, p. 25.

²⁴ Correio Braziliense, 16/10/10, p. 36.



Ademais, imagens em que um padre afirmou que o PT é favorável ao aborto foram proibidas de serem exibidas na propaganda eleitoral da candidata ao GDF Weslian Roriz, no dia 14 de outubro. No programa, o padre José Augusto, da Canção Nova, se referia ao PT dizendo que “não poderia se calar diante de um partido que está apoiando o aborto, que a igreja não aprova. Eu sou a favor da vida”.²⁵

O petista também obteve mais êxito na conquista de novos apoiadores para a sua candidatura no segundo turno do que a sua adversária. Como foi o caso da então vice-governadora do DF Ivelise Longhi (PMDB), que ao contrário do governador à época, Rogério Rosso (PMDB), anunciou apoio ao petista. Ambos são da mesma legenda do vice de Agnelo, Tadeu Filippelli, mas apesar disso, Rosso divulgou apoio a candidata Weslian. O petista obteve ainda o apoio do candidato do PV, Eduardo Brandão e da vice do candidato Toninho do PSol, Tetê Monteiro, que contrariou a orientação de Toninho de votar nulo no segundo turno. Além deles, o jornal diz que lideranças políticas estudaram mudanças de última hora para negociar com o futuro eleito. A matéria “Temporada de reavaliar alianças”²⁶ deu exemplos de apoiadores de Roriz que passaram para o lado petista, como é o caso do PP. Distritais eleitos pelo DEM, que apoiaram Weslian, adotaram a postura da independência, como Eliana Pedrosa e Raad Massouh. O caso do PSDB – da coligação de Weslian - foi citado já que haveria rumores de dissidentes. Um tucano pediu licença para apoiar Agnelo e um membro do partido se desfilou pelo mesmo motivo. A matéria ainda citou os casos do PSL e PTN que a poucos dias do primeiro turno racharam a aliança e cada legenda partiu para lados opostos: o PTN apoiou Agnelo e o PSL, Weslian.²⁷

Promessas eleitoreiras

As promessas de caráter eleitoreiro, feitas por ambos os concorrentes, foram matérias em alguns dias durante o mês. Com um tom de crítica, já que evidenciava o propósito das promessas, o jornal também relembrou algumas propostas feitas durante campanha entre Cristovam Buarque e Joaquim Roriz, em 1998, que foram reutilizadas pelos novos concorrentes. Contudo, Weslian ganhou mais destaque nesse sentido, já que o Correio Braziliense disse que ela queria passar a imagem de pessoa generosa, chamando as promessas dela de “Lista de Bondades”. A matéria “Show de promessas

²⁵ Correio Braziliense, 15/10/10, p. 24.

²⁶ Correio Braziliense, 21/10/10, p. 33.

²⁷ Siglas partidárias: Partido Progressista (PP), Democratas (DEM), Partido Social Liberal (PSL), Partido Trabalhista Nacional (PTN).



na guerra pelo eleitor”²⁸ disse que quem disputa uma eleição sempre se apresenta ao eleitor como um sedutor. “Candidatos nunca param de sorrir e garantem ter condições de resolver todos os principais problemas que incomodam a população”. Em seguida citou o exemplo de Weslian Roriz que anunciou, se eleita, anistiar as multas de trânsito dos brasilienses. Por conta disso, o PT foi à Justiça alegando crime eleitoral por compra de votos. A quantidade de pessoas que se beneficiariam da proposta, segundo a matéria, daria uma alavancada na campanha de Weslian que estava desfavorável em relação a de Agnelo Queiroz.

Por conta disso, cabe ressaltar a reportagem “Velha promessa em cara nova”²⁹, na qual o Correio Braziliense recuperou a promessa de anistiar multas no GDF, feita por Weslian Roriz, que também esteve na boca de seu marido em campanha, em 1998. Contudo, relembra o jornal, quando eleito, Roriz não cumpriu o prometido. A matéria disse que Agnelo se posicionou sobre essa proposta, mas alegou que seria necessária uma auditoria no Departamento de Trânsito (Detran), sem deixar garantias de perdão aos infratores. Ele também se amparou em propostas feitas por Cristovam Buarque e Lula, afirmando que vai ampliar o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

Cumprindo o papel de também contrapor as candidaturas, a reportagem citou Agnelo que propôs medidas de difícil implementação, como a contratação de quatro mil policiais para o DF, o que dependeria de verba federal. Contudo, o restante da matéria dedicou-se a falar sobre a questão de Weslian, lembrando o ano de 1998, quando o então governador do Piauí, Mão Santa (PMDB, depois PSC), teve o mandato cassado por ter anistiado contas de água em período eleitoral, quando concorria à reeleição. A decisão de 2001 foi unânime no Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em processo sob a relatoria do ministro Nelson Jobim. A anistia foi considerada compra de votos. Ao lado da matéria também há uma memória da eleição de 1998 quando Roriz prometeu reajuste salarial de 28% aos servidores públicos do DF, caso eleito. O concorrente, Cristovam Buarque, considerou a promessa eleitoreira e disse que não poderia fazer o mesmo. Mais tarde, Cristovam disse que a sua insistência em não prometer o mesmo pode ter sido fundamental para a derrota. De acordo com a memória. Roriz pagou de forma escalonada o reajuste, levando em conta o salário base.

Para atacar o rival, o programa de Weslian levou ao ar o depoimento de uma testemunha da Operação Shaolin, Michael Alexandre Vieira da Silva, que denunciou ter

²⁸ Correio Braziliense, 19/10/10, p. 25.

²⁹ Correio Braziliense, 24/10/10, p. 33.



conhecimento de irregularidades no Programa Segundo Tempo, do Ministério do Esporte. O suposto esquema, segundo o depoimento de Michael, beneficiaria Agnelo. Contudo, a Justiça Eleitoral considerou a gravação ofensiva e o desembargador federal Moreira Alves, do TRE, concedeu liminar para determinar a retirada do trecho do programa de Weslian. A Justiça também ordenou a apreensão da edição do jornal DF Notícias que continha entrevista com Michael, por considerá-la ofensiva e sem provas das acusações. Cabe ressaltar que em nenhum momento o jornal procurou Michael, ou procurou de alguma forma, apurar essas denúncias, sempre pautando a questão por meio do que é dito pela adversária do petista. A matéria revelou que nos bastidores, aliados de Weslian discutiam formas de dar prosseguimento às ofensivas contra Agnelo. Para rebater a acusação, o programa eleitoral do petista exibiu o depoimento do deputado distrital eleito Michel Oliveira (PSL), delegado da Polícia Civil de Sobradinho, que apontou o envolvimento de Michael Alexandre Vieira em indícios de crimes como estelionato, receptação e agressão à mulher dele. Uma tia de Michael, Marlene Vieira da Silva, também apareceu condenando a postura da testemunha da Operação Shaolin. O Correio Braziliense tampouco procurou verificar as denúncias de Weslian por conta própria, mas sempre lembrou que o nome de Agnelo não foi citado na investigação.

Por conta dos exageros no ataque ao petista, a coligação de Weslian perdeu o tempo do último programa eleitoral para o rival. O período foi concedido como direito de resposta após a veiculação nos programas de Weslian de acusações envolvendo suposto desvio de dinheiro por parte do petista enquanto ele era ministro do esporte. O desembargador que proferiu a decisão disse que faltariam elementos concretos de sustentação das acusações. O espaço extra ganhado por Agnelo foi dedicado a expor que o petista é ficha limpa e que a adversária utilizaria testemunhas compradas.

Considerações

De acordo com o cientista político Luiz Felipe Miguel, para que os eleitores sejam capazes de fazer uma opção consciente no momento do voto, eles precisam estar providos de informações adequadas sobre quem são os candidatos, quem os apoia, quais são as suas trajetórias e as suas propostas; e quais são os desafios a serem enfrentados, as alternativas possíveis e suas conseqüências. Nas sociedades contemporâneas, o provimento de informações sobre o mundo é tarefa do jornalismo. Dessa forma, acredita o pesquisador, os leitores e eleitores estabelecem uma relação de confiança com determinados veículos de comunicação. Após sintetizar as principais correntes teóricas



que discutem o problema do provimento de informações para a ação política e, em particular, para a decisão eleitoral, o cientista político constata que “se o peso atribuído aos meios de comunicação de massa nos processos políticos e eleitorais é maior do que zero, então eles inevitavelmente aparecem como ‘intrusos’, em contraste com uma norma de funcionamento da democracia, implícita ou explicitada”³⁰. A partir do exposto pelo estudioso podemos constatar que, independentemente do peso dessa influência, os meios de comunicação de massa auxiliam os eleitores na busca por informações dos candidatos e dessa maneira, a forma como o jornal trata cada um dos concorrentes pode influenciar, em certa medida, a posição do eleitor.

A partir do material analisado vale destacar que o Correio Braziliense já foi acusado de apoiar Arruda, posição que pode ser verificada à época do escândalo de corrupção desencadeado pela Operação Caixa de Pandora, em 27 de novembro de 2009. No dia seguinte a divulgação do inquérito da investigação, o jornal optou por uma manchete genérica, sem transmitir a importância e a gravidade das acusações do Ministério Público e da polícia. A chamada na capa foi intitulada: “GDF e Distritais são alvo de investigação”. E adiantava no subtítulo o tom da cobertura: “PF e justiça apuram suposto esquema de propinas a parlamentar”. As matérias que trataram do assunto nesse dia pareceram esquecer que a investigação também se estendia ao governador Arruda e não apenas aos deputados. Enquanto isso, jornais paulistas e cariocas como a Folha de São Paulo e O Globo manchetaram, respectivamente: “Governo do DF é acusado de corrupção” e “Governador do DEM é suspeito de pagar propina a deputados”, em clara referência ao envolvimento de Arruda no esquema de corrupção.

Cabe lembrar ainda, a entrevista do Correio Braziliense com o governador Arruda no dia 2 de dezembro de 2009, em que ele afirmou que as acusações de um suposto esquema de propinas no DF seriam uma tentativa do grupo ligado a Roriz de inviabilizar sua candidatura nas eleições de 2010. Arruda afirmou ao jornal que Durval Barbosa gravou vídeos, manipulou imagens e até poderia ter corrompido empresários com objetivo de construir uma trama com força para tirá-lo do poder e ganhar as eleições de 2010 no “tapetão”. “O Roriz sabe que para ele voltar ele precisa me tirar de campo”, disse Arruda em um dos trechos da conversa.

³⁰ MIGUEL, Luis Felipe. *Mídia e vínculo eleitoral: a literatura internacional e o caso brasileiro*. Artigo publicado na revista semestral da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Opinião Pública, em 2004. Acessado pela internet..



Durante a cobertura das eleições ao GDF em 2010, o jornal se mostrou opositor de Roriz, associando sua campanha a uma indefinição judicial em torno de seu nome a despeito da aplicação da Ficha Limpa. A tensão dessa relação entre o jornal e Roriz também pode ser percebido quando o ex-governador colocou a esposa em seu lugar para disputar a eleição. O editorial do dia seguinte fez duras críticas a Roriz acusando-o de tentar escalar o poder. Ainda que Agnelo Queiroz não fosse o candidato da preferência do jornal, o petista se saiu beneficiado. A sua agenda de campanha foi positiva, com vários eventos em regiões do DF, o apoio crescente entre camadas da sociedade e as críticas sempre disparadas do lado adversário não ganharam repercussão nas páginas do Correio Braziliense. Além disso, durante os meses de análise, Agnelo esteve à frente dos concorrentes em todas as pesquisas de opinião, o que rendeu espaço positivo no jornal.

REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola: 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forêcia Universitária: 2007
- MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinitivo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.
- MIGUEL, Luis Felipe. **Mídia e vínculo eleitoral: a literatura internacional e o caso brasileiro**. Artigo publicado na revista semestral da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Opinião Pública, em 2004. Acessado pela internet.
- MOURA, Dione Oliveira. **O “sincrônico”, o “diacrônico” e o “acontecimento” na análise do discurso da imprensa**. Artigo apresentado no 5º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, na Universidade Federal de Sergipe, 2007.
- ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Unicamp, 1988.
- SILVA, David Renault da. **Nunca foi tão fácil fazer uma cruz numa cédula?: a era FHC nas representações da mídia impressa (1993-2002)**. 2006. 354 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. Volume II, Florianópolis: Insular, 2005.